

Simplesmente sentir...

Jorge Gonçalves

Recebi um telefonema da Sebastiana Fadda a convidar-me para fazer um portefólio representativo do meu trabalho de fotografia de cena para a revista *Sinais de cena*, e em poucos segundos fiquei contente e em pânico ao mesmo tempo.

Uma dúvida me trespassou, "e agora o que é que eu vou escolher?". É sempre a mesma história cada vez que me pedem para fazer um portefólio, ou escolher fotografias para uma exposição.

Após uma troca de telefonemas e de *emails*, lá me decidi: o tema vai ser sobre *Dança*.

Posto isto, o problema seguinte era como abordá-lo. Fazer uma escolha a partir de tudo o que tenho sobre dança? Para dez páginas? Impossível!

Escolher um coreógrafo? Mas qual?

A Clara Andermatt, o Paulo Ribeiro, o Francisco Camacho, a Olga Roriz, a Margarida Bettencourt, a Sílvia Real, o Miguel Pereira, não sei. Porque não o Rui Nunes ou o Paulo Henrique, a Amélia Bentes, a Madalena Victorino, ou companhias como o Balletteatro, a Companhia de Dança de Almada ou a de Évora, ou os Rays di Polon, e tantos, tantos outros, portugueses e estrangeiros que passaram pelo Skite, pelas Danças na Cidade, ou pelos Encontros Acarte, pelos Labs da Re.AL., ou...

É extremamente difícil escolher alguém em detrimento de outrem, sabendo que o que fica para trás também é o nosso trabalho (é quase uma traição), e fica sempre a dúvida se foi a escolha correcta.

E depois há que justificá-lo, explicá-lo, primeiro que tudo a nós próprios, depois a quem nos pediu o trabalho, e finalmente a quem vai vê-lo, ou então nada disto faz sentido.

Bom, há que fazer opções. Assim optei, não por um, mas por dois coreógrafos que são dois dos expoentes máximos de uma época áurea da dança portuguesa, o surgimento da chamada "Nova Dança". São eles a Vera Mantero e o João Fiadeiro.

Não querendo fazer uma resenha histórica de nenhum dos dois, limitei-me a seleccionar algumas imagens que fossem representativas do seu trabalho, (mais do João, do qual tenho mais material), apostando apenas em duas premissas: a "Expressão" e a "Estética".

Assim, organizei as imagens começando pela Vera, em que salientei alguns dos seus solos mais significativos, como *Uma misteriosa coisa, disse o e. e. cummings* e

Olympia (como eu tenho inveja destas imagens, que com ela têm viajado por esse mundo fora!), passando depois por um trabalho de improvisação realizado nos «LAB V» (organizados pela Re.AL. em 1995), em que ela e o João Fiadeiro se cruzam.

Continuo então com o João em que também os solos têm um peso preponderante como *Self(ish) portrait e I'm sitting in a room different from the one you are in now*. Ou mesmo quando interpretados por outros que não ele, como *...e inversamente*. Mas também a importância da improvisação, seja no processo construtivo como em *Aicnêtsixe*, ou no resultado final como em *Existência*, em que cada apresentação em público era sempre diferente.

Mas o que eu queria salientar é a capacidade que ambos têm de se reinventarem a cada momento, de nos surpreenderem em cada nova criação,

Não me cabe a mim – nem me interessa – fazer nenhuma análise à sua "dança", para isso temos os teóricos e críticos. Interessa-me sim, a sua capacidade de me provocar as mais díspares sensações e emoções, tanto enquanto espectador, como enquanto fotógrafo, tendo a maravilhosa possibilidade de lhes captar, roubar, congelar esses instantes irrepetíveis (pois nunca são iguais) que de outro modo se perderiam para sempre.

E depois, mostrá-las, partilhar tudo aquilo que sinto por elas e ter a expectativa de que quem as vê sinta o mesmo. Não as ver como simples documentos, de um determinado momento, de um determinado espectáculo, mas ver para além disso.

São expressões, são momentos de emoção:

E então 'apanhar' as emoções transmitidas tanto pelo movimento como pela sua ausência, resultado de uma interacção entre o espaço onde decorre a acção, os seus intervenientes, o olhar e emoções do fotógrafo. A imagem daí resultante constitui com frequência algo de diferente do imaginado pelo coreógrafo e observado pelo espectador, apenas permitido pela fotografia e é aí que reside a magia e a força da 'captação do momento'. (Jorge Gonçalves)¹

É claro que a "fotografia de cena" é, deve ser, tem, *a priori*, um papel documental, registar um espectáculo tal e qual como os seus criadores o pensaram e levaram à cena. Mas...

Para além disso também pode ser criativo: basta pensar na forma como enquadrámos as cenas ou pormenores das

¹ Excerto de autoria de Jorge Gonçalves retirado do catálogo da exposição individual *Corpo expresso o corpo*, Lisboa, CCB, 1998, p. 3.

Jorge Gonçalves fez o curso de Fotografia Geral na E.T.I.C. e tem trabalhado com os mais destacados coreógrafos e encenadores, bem como com importantes instituições de cultura, festivais e projectos artísticos nacionais e internacionais. Vem participando com regularidade em exposições individuais e colectivas, e são já muitas as publicações em que colabora, assegurando muitas vezes capas de livros e de catálogos, bem como cadernos de imagens em obras individuais e colectivas aquém e além fronteiras. Um cv mais detalhado encontra-se no sítio: http://www.artistas.unidos.pt/jorge_goncalves.htm (data da consulta: 10/11/2010).

mesmas, de ângulos diferentes, ou mesmo inesperados, que um espectador na plateia não tem a possibilidade de ver. Mas no fundo não estamos a inventar nada, pois está lá tudo, depende literalmente do ponto de vista. Há que pensar em mais dimensões do que a simples visão do espectador.

E, quando os criadores nos permitem tal possibilidade (como o Fiadeiro o permitiu, ou a Madalena Victorino, ou o Jorge Silva Melo quando me diz: - podes ir para o meio dos actores), então é a felicidade extrema.

Sinceramente sempre tive dificuldade em compreender, aqueles fotógrafos que se sentam na plateia, fotografam sempre da mesma perspectiva, e dali não se mexem até ao fim do espectáculo.

Fotografar é mais do que isso, tem que ser mais do que isso de (sublinho), chegar, sentar, tirar fotografias como se estivessem a olhar para uma televisão (ou um aquário, tanto faz), levantar e ir embora. Há que ir em busca do olhar, e não esperar que ele venha ter connosco, que nos caia no colo, porque dessa forma até pode soar a falso. E não há nada pior que um gesto, um movimento, um olhar que não seja credível, que pareça forçado (mesmo ao de leve), uma pose para a fotografia.

Para mim isso é a subversão da fotografia de cena.

Tem de haver uma entrega de ambas as partes. Há uma expressão cabo-verdiana que foi utilizada pela Clara Andermatt para título de uma coreografia sua, *Dan-Dau* (dás-me/dou-te), expressão essa que define muito bem esta ideia de partilha, e como ela costuma dizer, 'isso é bonito'. Eu quero sentir as sensações e as emoções daquilo que estou a ver...Eu quero a surpresa, ser surpreendido, ou não.... Eu quero o estranho, o absurdo... Eu não quero adivinhar o gesto seguinte, ou se calhar até quero, não sei...Eu quero ser confrontado com o inesperado, o inusitado... Eu quero sentir a emoção, mesmo sem compreender o gesto, simplesmente sentir...

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê,
Nem ver quando se pensa. (Fernando Pessoa)²

Legendas

1 > *Uma misteriosa coisa, disse o e.e.cummings*, coreografia de Vera Mantero, Lisboa, Teatro Cinearte, 1996 (Vera Mantero).

2 | 5 > *Talvez ela pudesse dançar primeiro e pensar depois*, coreografia de Vera Mantero, Lisboa, Culturgest, 1999 (Vera Mantero).

3 | 4 > *Olympia*, coreografia de Vera Mantero, Lisboa, Culturgest, 1999 (Vera Mantero).

6 | 7 | 8 > *Sob*, coreografia de Vera Mantero, Lisboa, Culturgest, 1999.

9 > *Frans Poelstra Et convidados*, improvisação c/ Steve Paxton, Vera Mantero, Boris Charnatz, F. Poelstra, Sílvia Real, Nuno Rebelo, etc., Lisboa, Teatro da Comuna, 1999 (Vera Mantero).

10 | 11 | 12 > *Improvisação*, coreografia de Vera Mantero e João Fiadeiro, com João Fiadeiro, Mark Tompkins, Vera Mantero, etc., Olival de Basto, Centro Cultural da Malaposta, 1995.

13 > *Retratos*, coreografia de João Fiadeiro/Re.AL. e Olho, Cacilhas, Ginjal, 1997.

14 > *Self(ish) Portrait*, coreografia de João Fiadeiro/Re.AL., Cacilhas, Armazém da Lemauto, 1995 (João Fiadeiro).

15 > *Self(ish) Portrait*, coreografia de João Fiadeiro/Re.AL., Lisboa, Teatro Maria Matos, 1995 (João Fiadeiro).

16 | 17 > *Vidas silenciosas*, coreografia de João Fiadeiro/Re.AL., Cacilhas, Ginjal, 1997, foto de ensaio.

18 | 19 | 21 > *I'm sitting in a room different from the one you are in now*, coreografia de João Fiadeiro/Re.AL., Lisboa, Centro Cultural de Belém, 1997 (João Fiadeiro).

20 > *Vidas silenciosas*, coreografia de João Fiadeiro/Re.AL., Lisboa, Centro Cultural de Belém, 1997.

22 > *Mindfield*, coreografia de João Fiadeiro/Re.AL., c/ Victor Rua, Caldas da Rainha, Os Pimpões, 1999 (João Fiadeiro), foto de ensaio.

23 | 24 > *Aicnêtsixe*, coreografia de João Fiadeiro/Re.AL., Lisboa, A Capital, 2001.

25 > *Mindfield*, coreografia de João Fiadeiro/Re.AL., c/ Victor Rua, Caldas da Rainha, Os Pimpões, 1999 (João Fiadeiro).

26 > *Aicnêtsixe*, coreografia de João Fiadeiro, Lisboa, A Capital, 2001 (retrato de João Fiadeiro), foto de ensaio.

27 > *Existência*, coreografia de João Fiadeiro/Re.AL., Paris, Centre Georges Pompidou.

² *Poemas de Alberto Caeiro, apud in ibid.*, p. 10.



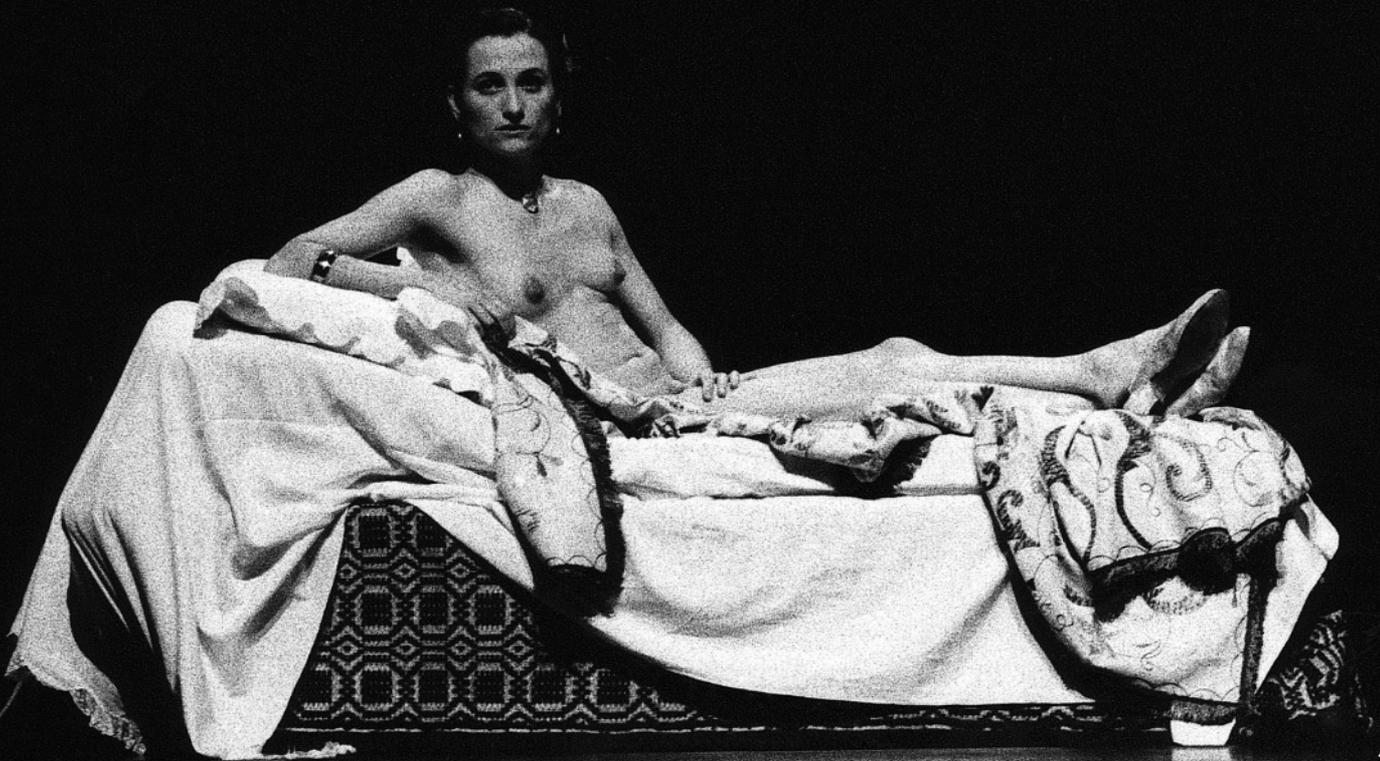
1



3



2



4





